

O CRESCIMENTO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Carlos Eduardo MANGILI*
Maria Aparecida BELTRAME**

RESUMO

O presente artigo visa demonstrar que a agropecuária brasileira adquiriu durante os chamados ciclos econômicos várias denominações, assim como mostrar que, apesar de ter enfrentado revezes ligados às condições climáticas e às instabilidades políticas, gestadas pelo processo sociocultural do povo brasileiro, tem conseguido sobreviver, bem como adaptar-se à chamada globalização que rege, atualmente, o fluxo dos negócios mundiais, tornando-se inserida nesse contexto, parte significativa para a manutenção do superávit primário e do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio. Economia brasileira. Exportação.

INTRODUÇÃO

Milho...

Punhado plantando nos quintais.

Talhões fechados pelas roças.

Entremeado nas lavouras.

Baliza marcante nas divisas.

Milho verde, milho seco.

Bem granado, cor de ouro.

Alvo. Às vezes vareia,

__ espiga roxa, vermelha, salpintada.

[...]

Milho empaiolado...

Abastança tranqüila.

Do rato,

Do caruncho,

Do cupim.

Palha de milho para o colchão.

Jogada pelos pastos.

Mascada pelo gado.

Trançada em fundos de cadeiras.

Queimada nas coivaras.

Leve mortalha de cigarros.

Balaio de milho tocado com o vizinho.

No tempo da planta.

* Docente da Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal. Rua Floriano Peixoto, n. 873 Centro CEP: 14870-370. Jaboticabal/SP. Geógrafo, Mestre em Ciências Práticas e Educativa pela Unifan, doutorando em Engenharia do Meio Ambiente pela Universidade de Iowa (EUA), professor-pesquisador em Geocimatologia.

** Docente da ETE Dr. Adail Nunes da Silva - Rua Francisco Valzacchi, n. 51. CEP: 15900-000. Taquaritinga/SP. mariaapbeltrame@ig.com.br

“ __ Não se planta, nos sítios, semente da mesma terra”.

Ventos rondando, redemoinhando.

Ventos de outubro. [...]

CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. São Paulo:

Global, 1997, p. 165.

Neste poema de Coralina percebemos como a plantação identifica o valor humano e sua cultura, como o seu sustento da terra é puro, dedicado e limpo. Dentro do contexto da economia contemporânea a proporção de crescimento da agricultura ganhou extensão como o da indústria e mercados de investimentos.

Agronegócio/Agribusiness é atividade agrícola e pecuária que envolve o campo no plantio, criação, manufatura, industrialização e venda final do produto.

O agronegócio tem um significado muito grande para o Brasil, pois engloba 33% do Produto Interno Bruto (PIB) e 42% de suas exportações, porcentagens essas favorecidas por sua extensão territorial, com solos aproveitáveis em sua totalidade. Não apresenta fatores que possam prejudicar a agropecuária por sua posição geográfica, o que lhe permite usufruir de uma gama climática bem diversa e de tecnologia já suficientemente desenvolvida. É o caso da Empresa Brasileira de Produção Agropecuária (EMBRAPA), que tem conseguido resolver desde o aumento da produção de leite de cabras em certas regiões do sertão nordestino, como o da irrigação de determinadas culturas – mandioca, milho e feijão - nesta mesma região. É devido a isso tudo que, no Brasil, em cada R\$ 3 (três reais) gerados no país, R\$1 (um real) é fruto do agronegócio.

1. Agronegócio e o Mercado

O ser humano necessita, entre outras coisas, de alimentos para continuar a sua evolução e perpetuar sua espécie, ocupando a agricultura e a pecuária, neste contexto, um papel primordial.

Inicialmente, nos primórdios do aparecimento do “Homo habilis”, esperava-se que as plantas perenes dessem frutos, mas com o decorrer do tempo, à medida que ele teve de conquistar novos espaços para sua sobrevivência, devido a seu crescimento demográfico, percebeu ele a diversidade de um lugar a outro, quer quanto ao tipo de solo quer quanto às condições climáticas. Por outro lado, deu-se conta ele, também, por já ter desenvolvido um certo grau de desenvolvimento intelectual, a quem os filósofos denominam de “senso comum”, que havia necessidade de se fixar em um determinado lugar, para que pudesse enfrentar as agruezas que a natureza lhe apresentava. De nômade, torna-se sedentário.

Isso vai ser o germen gestador das pequenas comunidades agropecuárias, onde se planta e se criavam animais para seu auto-sustento. Seguindo a linha do tempo, esse “homo habilis”, vai criando sua própria história. Surgem as vilas, os burgos, as trocas de experiências na produção agropecuária, eliminando-se assim alguns fatores socioeconômicos e históricos que haviam condicionado por muito tempo as propriedades rurais e mesmo as pequenas comunidades a sobreviverem isoladas, produzindo para seu auto-sustento (Araújo, 2003)

Um novo quadro é traçado na história desse “homo habilis”. A agropecuária entrelaça-se com as necessidades humanas, necessitando, para tanto, de um comércio que a envolvesse, que a desenvolvesse e promovesse sua ramificação para outros parâmetros. Como consequência provoca um fato econômico importante: o de gerar uma rede de propriedade-produção-comércio, que, lenta e gradativamente vai perpassando pelos

vários segmentos da expansão das atividades do “homo habilis” pela superfície terrestre, a tal ponto que, por todos os meios de comunicação sejam terrestres, marítimos ou aéreos, pelo sistema de agronegócios consegue cobrir pela importação e exportação as necessidades humanas, tornando, assim, pela globalização dos produtos agrícolas e pecuários invisíveis às fronteiras regionais ou internacionais.

Com esse avanço e diante das necessidades cada vez mais prementes dos grandes centros de produção industrial, os setores primários, voltados única e exclusivamente para a agricultura familiar ou grupal, com uma técnica de plantio, cultivo e colheita baseada no primitivismo, a quem alguns sociólogos e historiadores chamam de “burromecanização”, sem depender de outros recursos a não ser aqueles feitos nas oficinas de “fundo de quintal”, passa a não ter mais sentido. A demanda, agora, deveria atender a bilhões de pessoas espalhadas por todos os quadrantes da superfície terrestre. Para aumentar a produtividade em função dessa demanda mundial, as máquinas agrícolas tiveram que receber inovações tecnológicas que variam desde o controle da semeadura por computador até sistemas de GPS (Sistemas de Posicionamento Global por Satélite), a fim de que não houvesse interrupção no plantio, colheita e armazenamento. Novos insumos agrícolas foram desenvolvidos, com colheitas mais precoces, além do avanço biológico no combate às pragas ou mesmo na aplicação desses avanços nas próprias plantas, como é o caso da soja transgênica.

O retrato das propriedades rurais sofre, então, umas mudanças radicais, tornando-as agrícolas-industriais, mormente nos últimos cinquenta anos, cujas causas podem ser encontradas na substituição da agricultura familiar pela das grandes empresas agrícolas, um dos fatores primordiais pelo êxodo rural, além daquele provocado por melhores salários e oportunidade de emprego nas cidades. A população rural, ao se deslocar, esvazia o campo e provoca o aumento da urbana, forçando a criação de uma cadeia logística no setor secundário e de transporte – rodovias, ferrovias e portos marítimos - gestando novas tecnologias, a fim de atender a demanda desse enorme contingente humano que se deslocara, transformando-se de produtor em consumidor.

Com a mudança de hábitat, o “homo habilis”, como no início de sua fixação sobre a superfície terrestre, viu-se na contingência provocar um novo salto no equilíbrio agrícola, agora não mais lenta e gradativamente, mas sim de imediato, pois a cada momento mais e mais produtos deveriam chegar aos mercados consumidores. Há a substituição do homem pelas máquinas, já que uma pequena parte da população deveria produzir para sustentar o enorme contingente humano concentrada nos grandes centros de produção industrial ou de serviços. É auto-hiato de produtividade despontando através da tecnologia.

Para Araújo (2003), as propriedades rurais cada dia mais:

- perdem sua auto-suficiência;
- passam a depender sempre mais de insumos e serviços que não são seus;
- especializam-se somente em determinadas atividades;
- geram excedentes de consumo e abastecem mercados, às vezes, muito distantes;
- recebem informações externas;
- necessita de estradas, armazéns, portos, aeroportos, softwares, bolsas de mercadorias, pesquisas, fertilizantes, novas técnicas, tudo de fora da propriedade rural;
- conquistam mercado;
- enfrentam a globalização e a internacionalização da economia.

O agronegócio envolve uma propriedade rural em todo o seu conceitual, desde a produção agrícola, integrando-se em seu processo desde os insumos agrícolas, o de dentro da porteira, isto é, in natura, e aquele fora da porteira – a venda de mercado ou marketing.

As propriedades rurais, atualmente, são verdadeiras empresas com todas as atribuições necessárias para uma produção agropecuária, o agribusiness, uma visão da agricultura enraizada em uma terminologia em inglesa, por ter sido criada a partir de 1957, nos Estados Unidos da América do Norte, por John Davis e Ray Goldberg, professores de Universidade Harvard e adotado como padrão no mundo todo como sinônimo de empresas rurais. No Brasil, o agribusiness só chega na década de 1980. Nesta época, surgira em São Paulo e no Rio Grande a Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), aglomerando, no agronegócio, seu desenvolvimento acadêmico e financeiro. Destacou-se também o programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial da Universidade de São Paulo (PENSA/ USP), formado por técnicos e professores, sob orientação do Professor Décio Zylbersztajn. Tendo como sustentáculo referencial à produção acadêmica, o agribusiness, no Brasil, estendeu-se como termo padrão para designar as propriedades rurais de 1980 até 1990, mas, na segunda metade da década de 1990, é substituído por agronegócio. A partir de 1980, o agronegócio passou a ser o segmento mais promissor da economia brasileira, sendo, atualmente, o responsável por 33% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Ao se analisar mais detalhadamente a evolução da economia em 50 anos, ver-se-á que, devido aos avanços nos processos de relacionamento econômico entre as nações, da tecnologia e da biotecnologia, o homem do mundo da globalização mudou seus conceitos e costumes/hábitos no que tange às reservas cambiais e ao equilíbrio de seu déficit interno e externo, que segundo; Magaldi (2001) ao se fazer a análise dos fenômenos e dos processos geográficos relacionados às dinâmicas da distribuição-circulação de mercadorias, informações e pessoas ganham relevância no atual quadro histórico marcado por um significativo reordenamento técnico-econômico e político-institucional do capitalismo.

Nas últimas décadas ocorreram sensíveis mudanças no panorama mundial na área de produção e essa tendência foi acompanhada pelo mercado de produtos agro-industriais. Países que há muito detinham o domínio de mercados de commodities, viram-se repentinamente perdendo competitividade no cenário internacional frente a países que investem em agregar valor a seus produtos Segundo Batalha (1997).

Na análise, portanto, da questão ligada ao agronegócio, o que se observa é o seguinte: premida pela necessidade de abastecer o cidadão urbano, a partir de 1999, agricultura mundial apresentou um saldo de US\$ 6,6 trilhões de dólares, prevendo-se, para 2028, US\$ 10,2 trilhões com um crescimento anual de 1,46 % ao ano. Entretanto, para que este seguimento produtivo envolvendo tecnologia de ponta, gere lucro, o empresário precisa levar em conta os custos da produção e os preços oferecidos pelos mercados consumidores.

Foi inserindo-se em todo esse contexto, que o ambiente agropecuário brasileiro teve de adotar uma nova estratégia e se modificasse, tornando-o uma potência mundial principalmente na exportação de grãos soja e carne bovina, assim, o Brasil está em segundo lugar no que se refere à pecuária (200 milhões de cabeças de gado), só perdendo para Índia, devido a questões religiosas.

2. Histórico Econômico do Agronegócio

O Brasil é um país muito amplo, principalmente em si tratando de agricultura. A própria definição do nome vem de uma espécie de planta, isto é, árvore, o pau Brasil, que originou o nome do país. A história econômica brasileira está, ligado a agricultura e também ao agronegócio devido as suas implicações sociais, políticas, humanas e culturais.

O Brasil sofreu muitos problemas ao longo de sua história principalmente em questões de desenvolvimento e economia do seu 'descobrimento' até hoje conseguiu-se facilitar a infra-estrutura que no passado englobava estradas de chão, armazéns, precários a indústria precária minhas colônias de pedra, engenhos de cada de cana-de-açúcar tocados através da tração animal, diferentes áreas do país, mas apesar das dificuldades a agricultura modernizou-se e ampliou seu mercado.

O centro-sul do país foi a parte do país que mais se modernizou tecnologicamente e biotecnológico, formando grandes centros agroindustriais e agropecuárias também sobre influências. Mas a partir das décadas de 70 e 80 o agronegócio brasileiro adentra em uma acelerada modernização diversificando os vários ângulos agroindustriais entre eles a mecânica (máquinas agrícolas), energia elétrica e defensíveis agrícolas, fertilizantes químicos e insumos agrícolas. Passaram por vários pontos de atividades econômica básica, produção agrícola a agroindustrialização e assim, agronegócio.

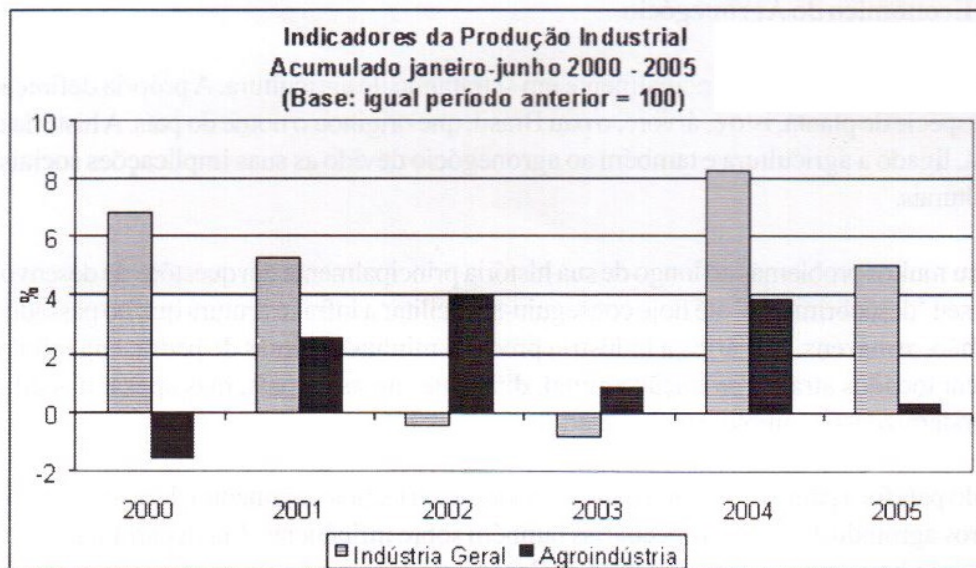
Percebe-se neste instante o quanto o agronegócio envolve uma cadeia de suprimento, já que todos os níveis, direto ou indiretamente, de produção, atendimento até o pedido e venda para um cliente. Os fornecedores, transportadoras, depósitos, varejistas e clientes fazem parte deste contexto interagindo entre si. O dinamismo da cadeia de suprimento envolve o conceito de agronegócio principalmente na cadeia produtiva.

O agronegócio moderno implica na agricultura familiar, de pequeno porte como a de grande, produtor exportador e importador em uma economia globalizada. A década de 50 ficou conhecida por mostrar rumos diferentes para a economia e principalmente através da ação política do Governo de JK, mas apenas com a entrada da década de 1960 que a agricultura foi ganhando proporção efetiva e cada vez mais significativa.

O adicional da economia brasileira aconteceu a partir de 1970, onde uma junção agrícola-indústria levou a agricultura começar a ser analisada seriamente pelo governo que estava implantando estatais e multinacionais no país.

3. Agronegócio Brasileiro

Para o Ministério da Agricultura (2005), o agronegócio brasileiro é uma atividade próspera, segura e rentável. Com um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta, o Brasil tem 388 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados. Esses fatores fazem do país um lugar de vocação natural para a agropecuária e todos os negócios relacionados às suas cadeias produtivas. Agronegócio é responsável por 34% do Produto Interno Bruto (PIB), 42% das exportações totais e 37% dos empregos brasileiros. O PIB de 2005 cresceu 2,3% do que o PIB de 20004, em 2004 foi de US\$ 180,2 bilhões, contra US\$ 165,5 bilhões alcançados no ano 2003. Entre 1998 e 2003, a taxa de crescimento do PIB agropecuário foi de 4,67% ao ano. Em 2003, as vendas externas de produtos agropecuários renderam ao Brasil US\$ 36 bilhões, com superávit de US\$ 25,8 bilhões. Na figura 1 abaixo nota-se os indicadores de crescimento do agronegócio.



Fonte: IBGE: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>

O IBGE (2005) divulga que temos uma estimativa de safra de cereais, leguminosas, oleaginosas (caroço de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, trigo e triticale), que serão de 113,131 milhões de toneladas. Esta é a oitava estimativa feita este ano pelo IBGE por estimativas da safra.

No primeiro semestre de 2005, a agroindústria cresceu cerca de 0,3%, taxa bastante inferior à assinalada pela média da indústria brasileira (5,0%) no mesmo período, repetindo o ocorrido do ano passado, quando o resultado da indústria geral foi de 8,3% e o da agroindústria, 5,3%. A pecuária desenvolveu-se (2,5%) e foi superior ao da agricultura (-0,7%), de maior peso na agroindústria. O inseticida, herbicida e defensivo agrícolas, obteve expansão de 2,4%, a pequena variação de 0,3% no indicador acumulado do primeiro semestre foi decorrente de dois trimestres de resultados opostos, uma vez que o primeiro trimestre recuou 3,5%, enquanto que o segundo trimestre cresceu 3,3%. A agroindústria no primeiro semestre de 2005 fica desfavorável, principalmente para os setores vinculados à agricultura, os quais foram afetados pela redução dos preços internacionais de algumas commodities agrícolas; aumento dos custos de produção; crédito mais seletivo e mais caro; e câmbio valorizado, que inibiu uma expansão ainda maior das exportações. Ministério da Agricultura (2005).

No final do ano de 2005 tivemos no agronegócio brasileiro uma explosão chamada febre aftosa, que fez por diminuir a exportação de carne, levando fazendeiros do MS a abater seus rebanhos e do norte do Paraná. Desta forma, por causa e efeito, a pecuária brasileira sofreu um contratempo financeiro principalmente no mercado internacional.

Governo culpa pecuarista pela febre aftosa. Pecuáristas reagem dizendo que o governo federal não investiu na manutenção da pecuária, segundo Cesário Ramalho da Silva vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira _SRB, o presidente da república foi insensível com seu companheiros pecuaristas que geram US\$ 3,5 bilhões em exportações. Segundo Abag Associação Brasileira de Agribusiness dos R\$ 167 milhões orçados, a defesa sanitária só recebeu R\$ 90 milhões em todo o País. Deveria receber R\$ 167 milhões este ano, de acordo com o orçamento aprovado pelo Congresso. Mas o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues,

conseguiu garantir apenas R\$ 90,8 milhões, dos quais R\$ 55 milhões especificamente para defesa animal. A área econômica queria destinar R\$ 37 milhões.

No dia 20 de fevereiro de 2006 foram entregues ao Itamaraty pelo agronegócio brasileiro (Fórum Permanente de Negociações Agrícolas Internacionais) algumas objeções, entre elas coerências por parte do governo brasileiro em comercializar com o ALCA. O Brasil está entre os quatro primeiros na exportações internacionais agrícolas e precisa continuar crescendo dentro deste contexto de mercado.

Estamos em uma realidade que investimentos são feitos a todo momento, necessitando de estabilidade do governo e de seus produtores, sem que haja, nenhum contratempo como a febre aftosa e a gripe aviária que está contaminando o mundo. O dinheiro que está rolando no mercado e tem destino próprio não poderá perder sua função, que é o lucro do produtor e do país de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o setor de agronegócio está em crescente expansão e dinamismo, e todos os outros setores de forma direta e indireta acabam interligando-se à agroindústria e ao agronegócio devido à exportação de mercadorias. O Brasil é um país favorável no setor primário à injeção de sua grandeza territorial, e a globalização favorece a exportação e importação da agropecuária; durante todo o ano de 2004 e no primeiro semestre de 2005 esse setor se desenvolveu com algumas crises devido à posição do risco Brasil e problemas no âmbito político nacional, mas mesmo com esses pontos ocorreu uma excelente posição de mercado internacional de agroindústria/agronegócio, Somente no final de 2005 sofremos uma crise com a febre aftosa, em consequência de mau investimento do governo.

ABSTRACT

The present article aims to demonstrate that the Brazilian farming acquired during the economic cycles several denominations, as well as showing that, although having faced problems in relation to the climatic conditions and the political instabilities which have been managed by the Brazilian people sociocultural process, it has been able to survive and adapting itself to the globalization what rules, nowadays, the worldwide business flow so that it becomes inserted in this context which is a significant part for the maintenance of the primary *superavit* and the *PIB*.

KEYWORDS: Agribusiness. Brazilian economy. Export.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Massilon J. *Fundamentos de Agronegócios*. V1. São Paulo: Atlas, 2003.
- AGRO EXAME. *O futuro do Agronegócio*. Setembro/2004.
- AZEVEDO, PAULO Furquim de. *Referencial geral e aplicações para a agricultura*. Nova economia institucional São Paulo: Agricultura. v 47, n. 1, p 33-52, 2000.
- BATALHA, Mário O. *Gestão Agroindustrial*.v1 .São Paulo: Atlas, 1997.
- BATALHA, Mário O. *Gestão Agroindustrial*.v2 .São Paulo: Atlas, 1999.
- BATALHA, Mário O. *Recursos Humanos e Agronegócio: a Evolução do Perfil Profissional*. v1, São Paulo: Atlas, 2005.

- IBGE. Agroindústria cresce 0,3% no primeiro semestre de 2005, resultado bem inferior ao da média da indústria brasileira. **Net**, ago. 2005. Seção Indicador conjuntural. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=417&id_pagina=1>. Acesso em: set. 2005.
- MAGALDI, Sérgio Braz. *Geografia e Política Públicas: propostas em desenvolvimento no laboratório de geografia humana* - DG/FCT/UNESP, 2000.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Disponível em; <www.Agricultura.gov.br>. Acesso em: 20/09/2005.
- RIBEIRO, Ana Paula. *Gripe aviária derruba exportações e barateia frango no Brasil*. **Net**, Brasília, mar. 2006. Seção dinheiro. Disponível em: <www.1folha.uol.com.br/folha/dinheiro> Acesso em 15/03/2006.
- SILVA, A. L.; BATALHA, M. O. *Marketing & agribusiness- repensando conceitos e metodologias*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 38. , 2000, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SOBER, 2000. 1 CD-ROM.